

# Jordi Savall

Granada



GULBENKIAN  
MÚSICA

20 MAIO 2018

---

MECENAS  
MÚSICA E NATUREZA

THE  
**NANIGATOR**  
COMPANY

MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

**VIA** VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS  
MÚSICA DE CÂMARA

**ANGELMO**  
*1910*  
Jubileu 75 anos de 100 anos

MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO

**SANTA  
CASA**  
Associação de Defesa das Artes Cênicas

MECENAS  
CICLO PIANO

**pwc**

MECENAS  
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA



# Ciclo Grandes Intérpretes

20 MAIO  
DOMINGO  
18:00 — Grande Auditório

## Granada

Desde a fundação do Reino de Granada, expansão e esplendor do al-Andalus, à sua incorporação no Reino de Castela e Leão, e à conversão forçada de todos os muçulmanos.

1013-1502

---

**Jordi Savall** Direção

### La Capella Reial de Catalunya

**Adriana Fernández** Soprano

**David Sagastume** Contratenor

**Lluís Vilamajó** Tenor

**Marc Mauillon** Barítono

**Daniele Carnovich** Baixo

### Hespèrion XXI

**Andrew Lawrence-King** Saltério e Harpa

**Xavier Díaz-Latorre** Vihuela de mão e  
Guitarra

**Jordi Savall** Rebab, Viela e Viola da gamba  
baixo

**Sergi Casademunt** Viola da gamba tenor

**Philippe Pierlot** Viola da gamba baixo

**Belén Nieto** Flautas

**Jean-Pierre Canihac** Corneto e trompete

**Béatrice Delpierre** Charamela

**Daniel Lassalle** Sacabuxa

**Pedro Estevan** Percussão

### Músicos Convidados

**Waed Bouhassoun** Voz e Oud

**Lior Elmaleh** Voz

**Driss El Maloumi** Voz e Oud

**Moslem Rahal** Ney

**Hakan Güngör** Kanun

**Yurdal Tokcan** Oud

**Haïg Sarikouyoumdjian** Duduk

**Dimitri Psonis** Guitarra mourisca, Santur e  
Campaínhas

**Erez Shmuel Mounk** Percussão

---

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

## I. PERÍODO ZIRIDA

- 1013 **Fundação do reino de Granada por Zawi ibn Zirid no antigo local de Garnata al-Yahud, a Granada dos judeus.**
- 1066 **Perseguição e massacre dos judeus de Granada (dezembro de 1066).**  
1. Invocação: *Qamti be-Ishon Layla* (Cântico dos Cânticos. Inspirada no Cântico 3, 1-4)
- 1086 **Batalha de Sagrajas: os Almorávidas derrotam Afonso VI de Castela.**  
2. Instrumental *Taksim* e Dança Mourisca (*ney*)

## II. PERÍODO BERBERE: OS ALMORÁVIDAS

- 1090 **Os Almorávidas atravessam outra vez o Estreito de Gibraltar e apoderam-se das taifas do al-Andalus.**  
3. Muwashah: *Billadi askara min aadbi Llama* – tradição do al-Andalus
- 1092 **É imposta uma forma estrita e rigorosa do Islão. Granada é a sede do poder Almorávida no al-Andalus. Muitos poetas e filósofos de Granada, incluindo Abu Hamid e Moses ibn Ezra, partem para o exílio. Os moçárabes de Granada perdem as suas igrejas e os seus bispos.**  
4. Oração: *Penitentes Orate* – oração moçárabe (Séc. XI)
- 1094 **O Cid conquista Valência a afasta os Almorávidas.**  
5. *Ductia* (instrumental) - Afonso X o Sábio (Cantiga de Santa Maria, CSM 123)
- 1110 **Judah Ha-Levi conhece em Granada os poetas Moses ibn Ezra e Abraham ibn Ezra, com quem se mantém ligado para o resto da vida.**  
6. Zionida: *Yefe Nof* – Judah Ha-Levi (1075-1141)

## III. PERÍODO ALMÓADA

- 1144 **Desintegração dos domínios dos Almorávidas no al-Andalus. Segundo período das taifas.**  
7. *Taksim*  
*Muwassah: Ya gosan naqa* – Abu Bakr Ibn Zuhr (Sevilha 1073-1162) – tradição do al-Andalus
- 1148 **Maimonídes vai para Almeria para escapar ao avanço das forças dos Almóadas.**  
8. Fragmento de *Iguéret ha-Shemad*, Carta sobre a conversão à força, Cap. IV (texto recitado)  
*Las Estrellas de los cielos* (instrumental) – Anónimo sefardita.
- 1157 **Os Almóadas tomam Granada.**  
9. Dança mourisca - (instrumental)
- 1188 **Morre o Rei Sancho III de Castela.**  
10. Lamentação: *Plange Castella misera* – Anónimo (Codex de Las Huelgas, f. 160, Séc. XII)
- 1212 **Batalha de Navas de Tolosa.**  
11. Dança de iniciação (instrumental)  
**Os exércitos cristãos de Aragão, Castela e Navarra derrotam os Almóadas.**  
12. Lamentação hebraico-andaluza: *Dror yiqra* – Dunash ben Labrat (Séc. X)

## INTERVALO

#### IV. PERÍODO NASRIDA

- 1238 Muhammad ibn Nasr al-Ahmar (o “barba ruiva”), o primeiro sultão nasrida de Granada (1238-1273). Começa a construção do Alhambra.**  
13. *O Alhambra – um poema em pedra.* Sobre as virtudes do Alhambra, inscrito no pátio das Duas Irmãs. Texto arábico de Ibn Zamrak. (Texto recitado)
- 1280 Vitória de Moclín: as tropas castelhanas são derrotadas pelo exército de Muhammad II. O Infante Sancho, filho primogénito de Afonso X o Sábio, chefia uma expedição retaliatória e arrasa a planície de Granada.**  
14. *Pero que seja a gente* – Afonso o Sábio (Cantiga de Santa Maria, CSM 181)
- 1368 Cerco de Baeza (governado por Don Enrique) pelo rei mouro de Granada e o seu aliado D. Pedro.**  
15. Balada fronteiriça – *Cerco de Baeza* – Anónimo (Cancionero Musical de Palacio, 106)

#### V. A DINASTIA DE MUHAMMAD

- 1362 Muhammad VI dirige-se a Sevilha com 300 cavaleiros para pedir a Pedro o Cruel de Castela que cesse hostilidades. Pedro manda assassinar o rei nasrida na Tablada, perto de Sevilha.**  
16. Lamentação: *O caminho – A ansiedade* – Improviso andaluz
- 1410 O Infante Fernando de Castela conquista Antequera. Yusuf III retoma Gibraltar.**  
17. *Propiñan del Melyor* (instrumental) – Anónimo (Séc. XV)
- 1464 Muley Hacen sobe ao trono de Granada. A sua mulher Aisha dá-lhe um filho, Boabdil.**  
18. Vilancete: *Aquella mora garrida* – Gabriel (Cancionero Musical de Palacio, 254)

#### VI. FIM DO REINO NASRIDA DE GRANADA

- 1492 Boabdil rende-se aos Reis Católicos a 2 de janeiro. Fim do reino nasrida e dinastia de Granada (250 anos). Boabdil foge para Marrocos.**  
19. Vilancete: *Viva el Gran Re Don Fernando* – Carlo Verardi
- 1492 Março. Decreto de expulsão dos judeus e mouros de Castela e Aragão.**  
20. Balada: *El pan de la aflicción* - oração sefardita em ladino.
- 1492 Outubro. Descoberta da América.**  
21. Diário de Cristóvão Colombo, 11-12 outubro, 1492 (texto recitado)  
Vilancete: *Xicochi Conetzintle - Xochipitzahuatl* – Gaspar Fernandes / Anónimo Nahuatl

#### VII. DOMÍNIO CASTELHANO

- 1500 Nascimento de Carlos V.**  
22. Vilancete: *Todos los bienes del mundo* - Juan del Enzina
- 1502 Conversão forçada de todos os Mouros no Reino de Granada.**  
23. Crónica dos Reis de Castela, Cap. CXCVI (Texto recitado)  
24. Lamentação andaluza: *Maqam hijaz* – Ibn Zaydun (Córdoba 1003-Sevilha 1071)

---

Conceção do programa: Jordi Savall  
Seleção e adaptação dos textos: Sergi Grau e Manuel Forcano

Com o apoio do Departamento de Cultura da Generalitat de Catalunya e do Institut Ramon Lull

# Granada

Desde a fundação do Reino de Granada, expansão e esplendor do al-Andalus, à sua incorporação no Reino de Castela e Leão, e à conversão forçada de todos os muçulmanos. (1013-1502)

---

Esta evocação histórica e musical de cinco séculos na vida de uma das mais importantes e admiradas cidades da Andaluzia muçulmana tem como inspiração e ponto de partida a fundação em 1013 do Reino de Granada por Zawi ibn Zirid no antigo local de Garnata al-Yahud, ou “Granada dos Judeus”. Especialmente encomendado pelo Festival de Música e Dança de Granada, este programa foi concebido e criado para celebrar o milénio da fundação do Reino de Granada.

Para apreciar a grande riqueza de trocas culturais, influências e tradições que convergiram na fundação do Reino de Granada temos de recuar ao início do Séc. V. A presença de comunidades judaicas na Andaluzia e as suas relações com os cristãos começaram a preocupar a hierarquia eclesiástica no Sínodo de Elvira (Granada) no princípio do Séc. IV. Um século mais tarde, Severus de Minorca, numa carta encíclica datada de 417, menciona com incómodo as relações amistosas entre judeus e cristãos. Alguns anos antes, em 409, os invasores Vândalos, Suevos e Alanos tinham posto termo a mais de quatro séculos de romanização da Península Ibérica e estabelecido a liturgia Visigótica-Moçárabe, uma influência que iria persistir até 812, quando o imperador bizantino reconheceu Carlos Magno como o legítimo Imperador Romano do Ocidente.

Depois da chegada dos muçulmanos, o termo “moçárabe” foi usado para se referir a toda a música litúrgica cristã praticada nos territórios debaixo do seu domínio. Embora muitas das melodias litúrgicas datando de muito antes da invasão muçulmana tivessem continuado a ser usadas, a música árabe exerceu grande influência cultural entre os Séculos VIII e XI, levando a um

natural declínio da música moçárabe. No entanto, o principal problema com todas estas formas musicais, tal como na verdade com a maioria das formas musicais dos princípios da Idade Média, é que era escrita em neumas, que mesmo hoje continuam a ser difíceis de decifrar e na melhor das hipóteses só nos permitem especular sobre o tom aproximado dos sons, e apenas podemos dar um palpite sobre a sua duração precisa. A música secular visigótica, por outro lado, fundiu-se com a nova música árabe introduzida em 711, resultando numa cultura musical extraordinária.

Quando os muçulmanos entraram na Andaluzia ainda tinham preconceitos sociais contra a música; de facto, a profissão de músico era considerada imoral ou até desonesta, e uma prova da baixa estima em que eram tidos músicos, cantores e carpideiras pagas é que o seu testemunho não era nunca admissível em audiências de tribunal. Com a chegada de Abd al-Rahman I (também conhecido como “o Justo”), o primeiro emir da dinastia Omíada no al-Andalus, a música começou a ter um papel muito mais proeminente até que, finalmente, com a chegada do famoso músico Abu-al-Hasan Ali ibn Nafi, que tinha o cognome de Ziryab, chegou a ser uma das formas de arte mais valorizadas no al-Andalus, particularmente entre as classes mais elevadas. Pouco a pouco, os austeros costumes muçulmanos foram-se relaxando e a música foi sendo cada vez mais praticada em todas as classes sociais.

Quase três séculos antes da construção do Alhambra, Granada era já um reino próspero e fascinante administrado por vizires judeus, que colocavam a sua inteligência ao serviço do



A RENDIÇÃO DE GRANADA EM 1492. QUADRO DE FRANCISCO FRADILLA ORTIZ, 1882. © DR

Rei Badis ibn Habbus al-Muzaffar (1038 a 1073), um monarca da dinastia Zirida de ascendência berbere norte-africana. Tristemente, no entanto, este período de desenvolvimento e coexistência harmoniosa foi brutalmente interrompido pela terrível perseguição e massacre dos judeus de Granada em dezembro de 1066, descritos nas Memórias de Abdallah ibn Buluggin, o último rei da dinastia Zirida (1073-1090). Pouco depois da ascensão ao trono deste último, o seu reino empobreceu em resultado dos punitivos tributos extorquidos pelo rei cristão Afonso VI em troca da sua proteção contra o tradicional rival de Granada, o reino taifa de Sevilha. Ao longo do Séc. XI, o grande conflito interno, ou *fitna*, do al-Andalus fraturou a unidade do Califado de Córdoba, dando lugar a um mosaico de pequenos estados conhecidos como os reinos taifas. Tal como os outros reinos taifas do al-Andalus, o reino de Granada era fraco, vítima de constantes

divisões e lutas internas. Aproveitando-se deste estado de coisas, em finais do Séc. XI os Almorávidas do Norte de África desembarcaram na Península comandados por Yusuf ibn Tashfin, chefe de um império que se estendia da Argélia ao Senegal. Encorajado pela atitude favorável de alguns habitantes, insatisfeitos com o mau governo dos Ziridas, e também com o apoio de figuras influentes como Kadi Abu Jafar, Tashfin entrou em Granada em 1090, derrubou o último rei Zirida, Abdallah, e anexou os territórios da Andaluzia Oriental ao seu império, antes de continuar a desafiar outras taifas, assim como os reinos cristãos do norte da Península. Com a morte de Tashfin, o último rei da dinastia Almorávida, os Almóadas vieram do Norte de África preencher o vácuo político, estabelecendo-se nos territórios muçulmanos da Península e conquistando cada reino taifa no seu caminho. A cidade de Granada foi conquistada em 1157.

Apesar da suposta estabilidade política dos Almóadas, diversas taifas tentaram reconquistar a sua independência, incentivadas por interesses locais e por famílias poderosas que tinham sido desprovidas dos seus antigos privilégios. Em Granada, o mais famoso destes desafios ocorreu em 1162, quando Muhammad ibn Sad, com algum apoio Almorávida, combateu os Almóadas na sangrenta batalha de al-Sabika. Apesar do sucesso dos Almóadas na criação de alguma estabilidade e até no cerceamento do zelo conquistador dos reinos cristãos, a vitória dos exércitos cristãos na batalha de Navas de Tolosa em 1212 abriu uma brecha na Andaluzia Ocidental e precipitou o fim do sonho do al-Andalus.

O reino Nasrida de Granada, conhecido como o sultanato de Granada, foi fundado em 1238 pelo nobre nasrida Mohammed-ibn-Nasr. Apesar de estar sujeito a pressões de todos os lados, o reino sobreviveu graças à sua situação geográfica, que tornava o território facilmente defensável, assim como à sua economia altamente diversificada e comércio com os reinos cristãos da Península, tal como com os muçulmanos do Magrebe e os genoveses do outro lado do Mediterrâneo. No entanto, foi gradualmente perdendo territórios para a Coroa de Castela e capitulou finalmente depois da Guerra de Granada (1482-1492). O reino Nasrida de Granada foi o último estado muçulmano do al-Andalus na Península Ibérica.

A música que nos acompanha nesta jornada fascinante até um dos períodos mais extraordinários daquilo que se tornou conhecido como “a Espanha das três culturas” provém de uma ampla variedade de origens e tradições. A música judia é aqui representada pelos textos antigos de poetas como Dunash Ben Labrat e Yehudah Halevi (1075-1141), e pelos textos recitados de Maimonides, o famoso físico, rabi e teólogo judeu andaluz, assim como pelo *Cântico dos Cânticos*, delicadamente interpretados segundo as ancestrais tradições

orais de uma antiga comunidade sefardita do sul de Marrocos. Ouviremos também a belíssima oração sefardita anónima (tradição de Salónica), que era cantada durante o importante festim ritual do *Pesach Seder*, celebrado na primeira noite da Páscoa judia “O pão dos aflitos”. A música cristã é representada por obras dos repertórios moçárabes e dos códices e manuscritos medievais hispânicos, em particular o *Codex Las Huelgas* e as *Cantigas de Santa Maria* do Rei Afonso o Sábio, baladas fronteiriças e baladas tendo como tema as Guerras de Granada e, datadas do período final, *villancicos* de Juan del Enzina e Gabriel, e peças anónimas do *Cancionero Musical de Palacio*. Para evocar a imensa riqueza da cultura islâmica andaluza, escolhemos *muwashshahs* e *maqams*, textos e poemas de autores tais como Ibn Zamrak, Ibn Zuhri (também conhecido por Avenzoar, 1073-1162) e danças anónimas, que foram preservadas nas cidades e países para onde emigraram em grande número os muçulmanos andaluzes durante e depois das Guerras de Granada.

Graças ao seu talento criativo nas artes do improviso vocal e instrumental, os nossos cantores e músicos – versados nos estilos árabe-andaluz preservados sobretudo no Norte de África e no Médio Oriente – recriam esplendidamente esta música que foi sendo transmitida pela tradição oral. A nossa evocação histórica e musical final conclui lembrando a conversão forçada de todos os muçulmanos do Reino de Granada em 1502. Carregando toda a emoção e tragédia dessa derradeira imposição arbitrária, ouviremos um comovente diálogo improvisado, a lamentação andaluza do maior poeta do al-Andalus, Ibn Zaydun (1003-1071), expressivamente acompanhada ao *oud*, *kanun* e *ney* (instrumentos tradicionais de cordas e sopro), transmitindo todo o extraordinário vigor de tradições que ao longo dos séculos foram transmitidas de pais para filhos, de professores para alunos, e que continuam vivas graças aos esforços e talento destes notáveis músicos levantinos.

# Jordi Savall

Maestro



JORDI SAVALL © DAVID IGNASZEWSKI

Jordi Savall é uma das personalidades musicais mais polivalentes da sua geração. Ao longo de mais de quarenta anos de carreira difundiu pelo mundo joias musicais há muito esquecidas. Dedicado à investigação da música antiga, interpretou-a com a sua viola da gamba e como diretor musical e maestro. As suas atividades como concertista, pedagogo, investigador e criador de novos projetos, tanto musicais como culturais, situam-no entre os principais artífices da revalorização da música histórica. Com Montserrat Figueras, fundou os grupos musicais Hespèrion XX/XXI (1974), La Capella Reial de Catalunya (1987) e Le Concert des Nations (1989) explorando e criando um universo de emoções e beleza que tem vindo a fascinar milhões de amantes da música.

A sua contribuição essencial para o filme *Tous les Matins du Monde*, de Alain Corneau, recebeu um *César* para a melhor banda sonora. Com a sua preenchida agenda de concertos (cerca de 140 concertos por ano), as suas gravações (seis álbuns por ano) e a sua própria editora discográfica, Alia Vox, que fundou com Montserrat Figueras em 1998, Jordi Savall provou não só que a música antiga não tem que ser elitista, mas que pode cativar públicos diversificados de todas as idades.

Jordi Savall gravou e editou mais de 230 discos dedicados aos repertórios da música medieval, renascentista, barroca e clássica, dando também especial atenção ao património musical hispânico e mediterrânico. Essa produção foi merecedora de numerosos galardões, entre eles, os prémios *Midem Classical*, *ICMA* e *Grammy*. Os seus programas de concerto tornaram a música num instrumento de meditação e de aproximação entre culturas e povos, tendo colocado no mesmo palco agrupamentos e músicos árabes, israelitas, turcos, gregos arménios, afegãos, mexicanos e norte-americanos.

Em 2008, Jordi Savall foi designado Embaixador da União Europeia para o Diálogo Intercultural. Tanto ele como Montserrat Figueras foram nomeados em 2009 “Artistas para a Paz” no âmbito do programa Embaixadores de Boa Vontade da UNESCO. Jordi Savall recebeu ainda outras importantes distinções, entre elas: Doutor *Honoris Causa* pelas universidades de Évora, Barcelona, Lovaina e Basileia, o título de *Chevalier de la Légion d’Honneur* (França), o *Praetorius Musikpreis Niedersachsen* (Baixa Saxónia, Alemanha) e o prestigioso prémio *Léonie Sonning*, considerado o prémio Nobel da música.

# La Capella Reial de Catalunya



LA CAPELLA REIAL DE CATALUNYA E HESPÈRION XXI - GRANADA © DR

Seguindo o modelo das famosas “Capelas Reais” medievais, para as quais foram criadas numerosas obras-primas de música sacra e profana ibérica, Montserrat Figueras e Jordi Savall fundaram em 1987 La Capella Reial, um dos primeiros grupos vocais dedicados à interpretação da música dos Séculos de Ouro, seguindo critérios históricos e formado exclusivamente por vozes hispânicas e latinas. A partir de 1990, a formação passou a receber o patrocínio regular da Generalitat de Catalunya, passando então a designar-se La Capella Reial de Catalunya. O novo agrupamento dedicou-se à recuperação e à interpretação do património vocal polifónico medieval e dos Séculos de Ouro hispânicos e europeus anteriores ao século XIX.

Na mesma linha artística do Hespèrion XXI, La Capella Reial de Catalunya soube combinar magistralmente a qualidade e adequação ao estilo de época, bem como a declamação e a projeção expressiva do texto poético. A sua atenção

foca-se sobretudo no período que se estende da música medieval mediterrânica até aos grandes mestres da Renascença e do Barroco. No entanto obteve também grande sucesso na interpretação de obras do Classicismo e de composições contemporâneas de Arvo Pärt. De destacar também a sua participação na banda sonora do filme *Jeanne la Pucelle* (1993), de Jacques Rivette, sobre a via de Jeanne d'Arc.

Em 1992, La Capella Reial de Catalunya estreou-se no género da ópera, tendo entretanto colaborado, como coro, em todas as representações onde participou a orquestra Le Concert des Nations. La Capella Reial de Catalunya gravou mais de 40 discos, regularmente distinguidos com prestigiosos prémios. Sob a direção de Jordi Savall, continua a desenvolver uma intensa atividade de concertos e de gravações e a participar regularmente nos festivais internacionais de música antiga.

# Hespèrion XXI



HESPÈRION XXI © DAVID IGNAZEWSKI

O valor mais importante da música antiga reside na sua capacidade universal de transmitir sensibilidades, emoções e ideias ancestrais que, ainda nos nossos dias, cativam o espectador. Com um repertório que se estende do século X ao século XVIII, o Hespèrion XXI procura, de forma permanente, novos pontos de encontro entre Oriente e Ocidente, dando expressão a uma vontade clara de integração e de recuperação do património musical internacional, nomeadamente da zona mediterrânica, mas também em diálogo com as músicas do Novo Mundo.

Em 1974, em Basileia, Jordi Savall e Montserrat Figueras, em conjunto com Lorenzo Alpert e Hopkinson Smith, fundaram o agrupamento Hespèrion XX com um objetivo comum: o estudo, a interpretação e a difusão do repertório anterior ao séc. XVIII, a partir de premissas novas, nomeadamente os critérios históricos e os instrumentos originais. Na Antiguidade, era dado às penínsulas Itálica e Ibérica o nome de *Hesperia*. Em grego antigo, *Hesperio* designava uma pessoa

originária de uma destas penínsulas. Era também o nome dado ao planeta Vénus quando, ao anoitecer, surge no céu a Ocidente. A partir do ano 2000, o agrupamento passou a designar-se Hespèrion XXI, sendo hoje uma referência incontornável para a compreensão da evolução da música praticada no espaço temporal que se estende da Idade Média até ao Barroco. O valor do seu trabalho de recuperação de obras, partituras e instrumentos é incalculável.

Adotando uma orientação artística inovadora, o Hespèrion XXI encara a música antiga também como um campo de experimentação musical, procurando atingir os mais elevados níveis de autenticidade, de beleza e de expressividade nas suas interpretações. O seu vasto repertório inclui peças sefarditas, romances castelhanos e peças do Século de Ouro espanhol e da Europa das Nações, entre outras. Gravou mais de 60 discos e apresenta-se em concerto em todo o mundo, incluindo os mais importantes festivais internacionais de música antiga.

## Waed Bouhassoun



## Lior Elmaleh



Waed Bouhassoun é uma alaudista síria que possui também um timbre vocal de rara qualidade. Foi comparada às famosas vozes da canção árabe dos anos trinta como Uum Kulthoum ou Asmahan, mas apesar de ter nascido na mesma cidade que Asmahan, a sua voz é muito característica e diferente. Desde a sua primeira audição em Aleppo, os especialistas locais reconheceram imediatamente o talento de Waed, tendo-a autorizado simbolicamente a apresentar-se em público em Paris, na Maison des Cultures du Monde, no Institut du Monde Arabe, em março de 2006. O sucesso foi imediato e a imprensa felicitou-a unanimemente. De regresso à Síria, começou a apresentar-se regularmente na Ópera de Damasco. Ainda em 2006, foi convidada pelo Festival de Arzila e pelo Festival da almedina de Tunes, tendo em seguida realizado uma digressão em França. Em 2008 apresentou-se no Salão dos Embaixadores do Alhambra de Granada. No mesmo ano foi a protagonista do concerto de inauguração do evento Damasco Capital Cultural do Mundo Árabe, tendo cantado poemas de Wallada e de Ibn Zaydoun, acompanhando-se no *oud* com música de sua autoria. Apresentou ainda, em estreia mundial, no Auditório da Ópera da Bastilha, em Paris, no âmbito do *Festival de l'Imaginaire*, poemas cantados do grande místico Rabi'a al 'Adawiyya. Atualmente atua mais frequentemente a solo, mas também colabora com regularidade com outros músicos como é o caso de Jordi Savall, com quem atuou ao vivo e gravou em 2013 o álbum *Orient Occident II : Hommage à la Syrie*.

Lior Elmaleh nasceu em 1974 em Kiryat Shmona, na Galileia, no norte de Israel. Recebeu a sua educação musical inicial do famoso poeta e músico andaluz Nissim Shushan, tendo posteriormente estudado no Conservatório de Ramat Gan. A partir dos treze anos de idade, o seu excepcional talento permitiu-lhe iniciar uma carreira como intérprete (*Chazanut*) moderno de poemas tradicionais sefarditas marroquinos e espanhóis e poemas litúrgicos judaicos. Para além de ser muito solicitado para atuar a nível internacional, desenvolve uma grande variedade de iniciativas, incluindo a criação de uma orquestra andaluza, a Andael, atuações com o Andalusian Ensemble, ou a criação da sua própria banda de flamenco de fusão. Lior Elmaleh é também *Communication and Social Sciences Bachelor* pela Universidade de Ramat Gan. Colabora regularmente com o Departamento de Etnomusicologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, no quadro da preservação dos tesouros da antiga cultura musical judaica.

## Driss El Maloumi

DRISS EL MALOUMI © TERESA LLORDIS



## Moslem Rahal

MOSLEM RAHAL © DR



Driss El Maloumi nasceu em 1970, em Agadir, no sul de Marrocos. É considerado um dos melhores intérpretes de *oud* da sua geração. Em paralelo com os seus estudos de licenciatura em literatura árabe, recebeu uma sólida formação em música clássica árabe e ocidental. Desenvolveu um grande interesse pelo *oud*, tendo aprofundado os seus conhecimentos teóricos e aperfeiçoado a prática do instrumento. Foi várias vezes galardoado, tendo em 1994 recebido o Prémio de Honra do Conservatório Nacional de Música de Rabat. Para além do contexto marroquino, colaborou com muitos outros músicos a nível internacional como Françoise Atlan, Pierre Hamon, Xavi Maureta, Jordi Savall (e o Hespèrion XXI), Carlo Rizzo e Paolo Fresu. O seu trabalho é sempre acompanhado por uma profunda pesquisa artística, nomeadamente quando se dedica também à composição como nos espetáculos franceses *Oiseau de Lune*, *L'Amour Sorcier*, ou *Caravane de Lune*.

Driss El Maloumi é conhecido por fazer convergir, com grande perfeição, a música sufi tradicional de Marrocos com as abordagens modernas do jazz e da música barroca, tal como nos álbuns *Noches*, ou *Jazz aux Oudayas*, que lhe valeram o reconhecimento como um dos mais reputados representantes internacionais da música árabe.

Diplomado pelo Instituto Superior de Música de Damasco em 2003, Moslem Rahal escolheu especializar-se na técnica do *ney*. É solista na Orquestra Sinfónica Nacional da Síria e membro do Grupo Nacional de Música Árabe. Tornou-se professor de *ney* no Instituto Superior de Música de Damasco e na Universidade de Homs. É também o fundador e o diretor do Shams Ensemble Group. Moslem Rahal participa em encontros científicos e festivais dedicados à música árabe, onde defende o desenvolvimento da prática do *ney*, como é o caso do 25.º Festival Jerash. Com o Grupo Nacional de Música Árabe e com a Orquestra Sinfónica da Síria, atuou em numerosos concertos, nomeadamente sob a direção de Misak Bagboderian e de Souhli al-Wadj. Como especialista do seu instrumento, escreveu um capítulo para o Dicionário Musical do professor Victor Babinco. Para além da sua atividade como músico, Moslem Rahal é também construtor de *ney* e de *kawala*. Graças ao seu trabalho de pesquisa musical e às suas numerosas colaborações com artistas europeus, é uma figura-chave da interpretação da música oriental inserida no âmbito da interpretação ocidental.

## Hakan Güngör

Kanun

HAKAN GÜNGÖR © TERESA LLORDES

## Yurdal Tokcan

YURDAL TOKCAN © TERESA LLORDES

Hakan Güngör nasceu em Ancara, na Turquia, em 1973. Começou a estudar música com o seu pai, Ali Osman Güngör, também um grande intérprete de *oud*. Posteriormente começou a tocar *kanun* com Ozhan Kayhan. No início dos anos 90 ingressou no Departamento de Música da Universidade Gazi, em Ancara, e posteriormente no Departamento de Composição do Conservatório de Música Turca. Durante seis anos, participou em vários cursos de músicos e professores reconhecidos como Yavuz Ozustun, Nail Yavuzoglu, Emin Sabitoglu, Mutlu Torun, Selahattin Icli, Ruhi Ayangil e Erol Deran, com os quais aperfeiçoou os seus conhecimentos de solfejo, composição, harmonia, contraponto, técnica do *kanun*, música clássica europeia e música clássica turca.

O estilo melódico de Hakan Güngör, assim como a riqueza do seu som, a claridade e a delicadeza do seu *mizrab* (plectro), fazem dele um artista único, sendo considerado um virtuoso do seu instrumento. Desde 1993 colabora com diferentes músicos de renome como Kudsi Erguner, Jordi Savall, Yoyoma, Renaud Garcia-Fons, Fazil Say, ou Okay Temiz, participando tanto em concertos como em gravações discográficas, na Europa e na Turquia. Para além da sua atividade como concertista, é professor na Universidade de Halic e trabalha na Radio de Istambul como intérprete de *kanun*.

Yurdal Tokcan nasceu em Ordu, na Turquia, em 1966. Diplomou-se pelo Conservatório Nacional da Turquia (Universidade Técnica de Istambul) em 1988. Em 1990 integrou o agrupamento musical do Ministério da Cultura e do Turismo da Turquia, sob a direção artística de Tanburi Necdet Yaçar. Para além de ser considerado como um dos melhores intérpretes de *oud* da atualidade, desenvolveu a sua própria técnica, que combina a tradição com as sonoridades dos nossos dias. Para além da sua atividade no seio do agrupamento musical do governo turco, colabora com o Ensemble Fasil de Istambul, o Ensemble de Música Sufi de Istambul e os Istanbul Sazendeleri. Yurdal Tokcan participou em diferentes projetos de Kudsi Erguner e partilhou também o palco com outros músicos como Djaffer Youssef, Trilok Gurtu, Ömer Faruk, Hacı Faruk Tekbilek, Yinon Mualllem, ou o octeto de Karl Berder. Em 2009 apresentou-se no Festival de Oud de Jerusalém, com Ara Dinkjian e Taiseer Elias. Como solista, colaborou várias vezes com a Orquestra Filarmónica de Tekfen, composta por músicos de 23 países. É regularmente convidado a participar em eventos musicais como o Festival de Jazz Akbank, onde tocou com o Ensemble Mercan Dede, o Festival de Oud da Jordânia, ou o Festival de Música Árabe, no Egipto. Orienta *workshops* onde partilha a sua experiência e os seus conhecimentos. Editou vários álbuns discográficos e algumas das suas composições foram utilizadas em bandas sonoras de filmes.

## Haïg Sarikouyoumdjian



## Dimitri Psonis



Haïg Sarikouyoumdjian nasceu em 1985 e começou a estudar o *duduk* (oboé arménio) aos treze anos. Estudou com vários mestres arménios, aprendendo a fundo a difícil técnica do instrumento. Por outro lado, estudou o repertório tradicional para *duduk*, com todas as suas subtilezas de intervalo e de entoação, as ambiguidades e a multiplicidade rítmica, a ornamentação e o desenvolvimento dos modos. Até 2004 trabalhou com um grupo tradicional arménio supervisionado por Gaguk Mouradian, personalidade musical que o marcou profundamente. Trabalha atualmente em vários projetos que cruzam a música tradicional da Arménia com o jazz e a música contemporânea. Em 2009 começou a colaborar com Jordi Savall e o Hespèrion XXI, tendo participado em diferentes projetos em todo o mundo.

Dimitri Psonis é natural de Atenas, cidade onde iniciou a sua formação musical. Teve a guitarra clássica como primeiro instrumento, mas desde cedo começou a interessar-se pelos instrumentos tradicionais gregos. Aos 18 anos começou a estudar *santuri* com Tasos Diakoyorgis e, em simultâneo, composição com o maestro e compositor Yannis Ioanidis. Aos 20 anos passou a fazer parte do grupo Opistodromiki Companhia, onde tocou *buzuki*, *santuri*, marimba e contrabaixo. Em seguida ingressou no Conservatório de Madrid, onde se diplomou em percussão e pedagogia musical. Estudou também no Conservatório de Amesterdão e colaborou com diferentes agrupamentos. Dimitri Psonis fundou os grupos Krusta, Acroma e P'An-Ku e acompanhou numerosos cantores e instrumentistas como Elefthería Arvanitaki, Maria del Mar Bonet, Eliseo Parra e Javier Paxariño entre outros. Entretanto dedicou-se ao estudo e à interpretação da música clássica otomana e da música popular da Grécia e da Turquia. Colaborou também em muitas gravações discográficas e na composição de música para filmes e para peças de teatro. Em 1997 fundou o agrupamento Metamorphosis, tendo-se apresentado em importantes festivais em Espanha. Colabora regularmente com agrupamentos de música antiga como a Orquestra Barroca de Limoges, o Speculum, o Mudejar e o Hespèrion XXI.

## Erez Shmuel Mounk



Músico especialista em percussões e reconhecido nomeadamente como um grande intérprete da *tabla* indiana e das percussões do Médio-Oriente (*darbuka*, *dafe* vários tambores), Erez Schmucl Mounk realizou gravações discográficas dedicadas a diferentes estilos musicais e com vários músicos israelitas como Yair Dalal, Shlomo Grounich, Yasmin Levi, Masina e Ahod Banai, ou Gyora Findman. Também toucou e gravou com muitos músicos na Europa, nos Estados Unidos da América e no Japão, tendo-se apresentado em festivais em Inglaterra, na Austrália, em Itália e na Nova Zelândia, entre muitos outros países. Destaque especial para as suas colaborações com Jordi Savall, com o qual realizou gravações e se apresentou em vários concertos com os agrupamentos Hespèrion XXI e La Capella Reial de Catalunya.

25 Maio — 18:30

# Esperamos por si!



**Apresentação**  
**Temporada 18 / 19**

Entrada livre  
Limitada aos lugares disponíveis

GULBENKIAN.PT

MECENAS  
MÚSICA E NATUREZA

THE  
NAVIGATOR  
CORPORAÇÃO

MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA

vay VIEIRA DE ALMEIDA

MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO

SANTA  
CASA  
Memória de Lisboa. Per sempre.

MECENAS  
CICLO PIANO

pwc

MECENAS  
CORO GULBENKIAN



MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA

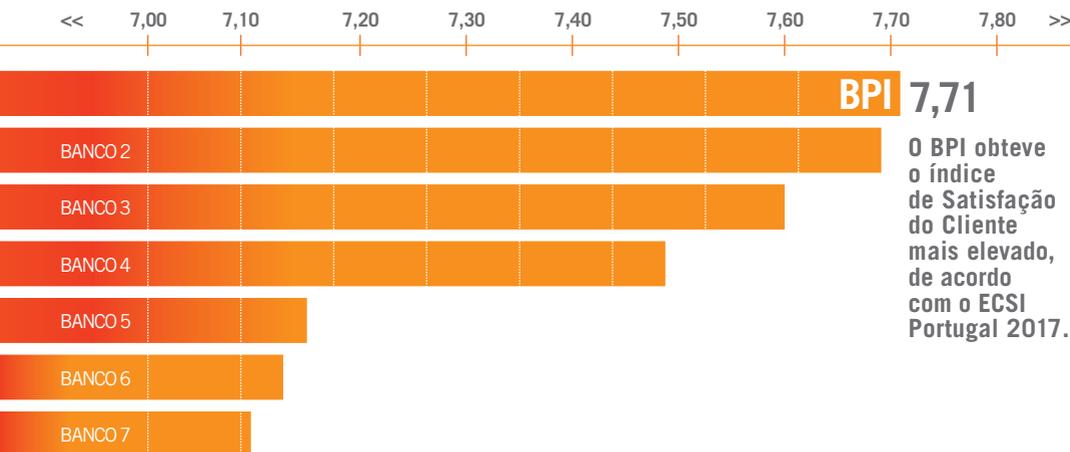


# Nº1 na Satisfação dos Clientes.

O BPI é líder pelo 2º ano consecutivo na Satisfação dos Clientes, de acordo com o Índice Nacional de Satisfação do Cliente - ECSI Portugal 2017.



Este índice, baseado numa metodologia internacional comum, permite avaliar a qualidade dos bens e serviços disponíveis no mercado nacional, em vários sectores de actividade, com base em 8 dimensões: imagem, expectativas dos Clientes, qualidade apercebida, valor apercebido (relação preço/qualidade), satisfação, reclamações, confiança e lealdade. O ECSI Portugal é um estudo independente, desenvolvido anualmente pelo Instituto Português da Qualidade, pela Associação Portuguesa para a Qualidade e pela NOVA *Information Management School* da Universidade Nova de Lisboa.



O BPI obteve o índice de Satisfação do Cliente mais elevado, de acordo com o ECSI Portugal 2017.

Este estudo utiliza uma escala de satisfação de 1 a 10 e é realizado com recurso a 250 entrevistas telefónicas a Clientes de cada Banco/Marca estudado, com base numa amostra seleccionada de modo aleatório e extraída da população portuguesa.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

---

---

DIREÇÃO CRIATIVA

Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE

The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO

AH-HA

TIRAGEM

600

PREÇO

2€

Lisboa, Maio 2018

